VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

O TEMPO QUE SE FRAGMENTA, MEMÓRIAS QUE SE DISTENDEM E A HISTÓRIA QUE PERSISTE

Rafaela Cobbe Dias*

"No presente a mente, o corpo é diferente
E o passado é uma roupa que não nos serve mais".

(Belchior, Velha roupa colorida).

1. UM PASSADO QUE ENVOLVE O PRESENTE

Em 25 de abril de 2014 transcorreram 40 anos do fim do regime autoritário português regido por Antonio Oliveira Salazar. Em Portugal houve inúmeras comemorações relembrando a Revolução dos Cravos que deu fim a tal regime.

Do dia 31 de março para o dia 01 de abril no Brasil também aconteciam festividades, mas essas eram des-comemorações, relembrando o golpe que instalou a ditadura civil militar e que naufragou o país num período de repressão, censura e medo. Tanto aqui como lá, seja recordando o golpe que estabeleceu o regime ou a revolução (em Portugal) ou as passeatas (no Brasil) que levaram ao fim do mesmo, fica clara a mancha e o estigma que esse período ainda ocasiona no presente. No Brasil, de tempos em tempos, percebemos alguns ensejos daqueles que sentem saudades da ditadura e que gostariam

* Mestranda pelo Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Email: rafacobbe29@gmail.com

que voltássemos a ela, como os organizadores e todos que compareceram a segunda edição da "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", que em 1964 serviu de esteio ao golpe:

> Manifestantes se reuniram em São Paulo na tarde deste sábado (22), na Praça da República, para realizar uma nova versão da "Marcha da Família com Deus pela Liberdade". O grupo queria relembrar a marcha anticomunista e de apoio ao golpe militar realizada há 50 anos em 19 de março de 1964 (...) Os manifestantes se concentraram na Praça da República e seguiram até a Praça da Sé, repetindo o mesmo trajeto da marcha original. Eles chegaram à praça por volta das 17h40, sem cruzar durante o trajeto com a "Marcha Antifascista", convocada para criticar aqueles que defendem a volta da ditadura (...) A "Marcha da Família" foi realizada poucos dias antes dos 50 anos do golpe militar, a serem completados no dia 1º de abril. Os organizadores do evento pedem intervenção militar para retirar do poder os "políticos corruptos, moralizar os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, promover valores morais e então convocar novas eleições apenas para fichas limpas". Disponível em: http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/03/manifestantes-se-reunem-para-nova-versao-da-marcha-da-familia-em-sp.html **.** Acesso em: 17 maio 2014.

Em Portugal não é diferente; também encontramos demonstrações de interesse da volta do regime, mas de maneira mais evidente do que no Brasil, menos tímida e de maior alcance. São aparentes, principalmente, as indicações da aspiração por um novo "pai" da nação, como consideravam Salazar, sobretudo no momento de forte crise econômica que o país vive. Ficam, portanto, mais nítidas as vozes que de maneira saudosista rememoram o salazarismo. O que fica manifesto em blogs, algumas revistas e jornais:

> Segundo uma sondagem levada a cabo pela Pitagórica, e esta segunda-feira divulgada pelo jornal i, uma fatia de 46,5% dos portugueses considera que os políticos do Estado Novo eram mais sérios e honestos do que os atuais. Aliás, do bolo dos inquiridos, apenas 17,7% entende que os governantes de hoje em dia têm mais competências do que os de "antigamente". Disponível em: http://www.noticiasaominuto.com/politica/203431/politicos-da-ditadura-eram-mais-serios-e-honestos-do-que-os-atuais. Acesso em: 16 maio 2014.

De modo recorrente, os cidadãos portugueses se dizem a favor da democracia em função da possibilidade de expressão, da não-censura, mas consideram que a ditadura foi um período de "progresso" econômico, do qual as finanças do país eram melhor administradas e aplicadas - como explicito na reportagem acima - por políticos mais competentes.

O salazarismo foi um regime autoritário[1], que vigorou desde 1926, com um golpe que colocava Oliveira Salazar no poder até 1974. A ditadura se baseava principalmente em duas instituições: o Exército e a Igreja. Em geral, caracterizava-se como um regime tradicionalista e corporativista. O corporativismo funcionava como uma postura antiparlamentar, que enfraquecia a Assembleia Nacional, suprimindo todas as legendas e oficializando apenas a União Nacional, que apoiava o governo (BERNARDO, 1998) [2].

Com a Constituição de 1933, o papel do Estado como intermediador entre trabalhadores e patrões foi regulamentado, esvaziando assim os sindicatos profissionais como órgãos de representação, na tentativa de conter os conflitos de classe. A juventude também tinha papel importante para o regime, que com as ferramentas corretas poderia vir a ser de grande auxílio para uma sociabilização política mais vasta. Para isso, associações e organizações que visassem à mocidade, foram criadas (ALMEIDA, 2011).

O cotidiano das pessoas, a família, a escola, o trabalho, o lazer estavam todos embebidos da lógica autoritária do Estado Novo salazarista. Em seus quase 50 anos de governo, Salazar trabalhou para que houvesse uma aceitação ampla de seu regime. A propaganda política, os cartazes, o cinema, os anúncios, os jornais eram todos mecanismos para facilitar tal aceitação, e foram usados tanto em locais públicos, como dentro da própria Igreja. Seus discursos assim como sua administração se baseavam na trindade: Deus, pátria e família. Falava sempre da força do Estado, da glória do trabalho e a família que deveria permanecer unida e obediente ao regime. Não era, dentre os

[1] Hannah Arendt, em seu livro *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*, propõe a existência de apenas três experiências totalitárias: o fascismo de Mussolini, o nacional-socialismo de Hitler e o comunismo de Stálin. Na perspectiva da autora o totalitarismo tem por base três principais figuras: o anti-semitismo entendido como a "privação da pátria", o imperialismo e o totalitarismo visto como a privação total, um desenraizamento de tudo e de todos. De maneira geral os autores posteriores (sendo ela a primeira a discutir tais questões após a Segunda Guerra Mundial) tendem a concordar com a noção de que houve apenas três experiências totalitárias, no entanto, abrangendo e renovando tais conceitos.

[2] Antes do golpe a economia portuguesa encontrava-se debilitada: inflação alta e um mercado de trabalho escasso. A produção industrial era precária e insuficiente, assim, o que movia o comércio era a agricultura. A classe baixa do país trabalhava em peso, dentro da área rural. Eram analfabetos, em sua maioria e viviam sem muitos aparatos mecânicos. Com a esperança de reformas e avanços políticos e sociais, o golpe de 28 de Maio de 1926 é aceito; nesse dia as tropas comandadas pelo general Gomes da Costa saíram de Braga, marcharam até Lisboa e deram inicio ao fim da Primeira República, concretizando o ato em seis de junho do mesmo ano. Ao dissolverem o Parlamento e suspenderem as liberdades individuais, previstas na Constituição (1911), os militares substituíram a Primeira República por uma Ditadura Militar e o poder passou a ser assumido por militares. Ditadura essa que só chegaria ao fim com a Revolução dos Cravos (1974). Uma vez que Antonio Oliveira Salazar sofre um derrame cerebral, os caminhos políticos poderiam abrir-se para novas possibilidades.

ditadores do século XX, o que tinha a oratória mais impactante e nem o mais carismático, no entanto, conhecia seu povo, e na figura de um ex-professor e ex-seminarista agradava aos portugueses, em sua maioria conservadores e católicos fervorosos.

Nessa perspectiva, a partir das memórias dos personagens literários, o autor valter hugo mãe[3], no livro a máquina de fazer espanhóis, discute o Portugal contemporâneo[4], inserindo na ficção discussões políticas e sociais que remetem ao governo salazarista e a crise atual. Ou seja, a partir do discurso literário o autor acompanha fatos históricos, analisando-os através do olhar do sr. silva e de outros personagens do seu romance. Assim como o faz em seu cotidiano, pois é um autor antenado com a política e preocupado com os rumos de seu país. Abaixo transcrevo um pedaço de uma entrevista que concedeu a Revista da Cultura, falando sobre seu novo livro, *a Desumanização* – lançado em 2014:

> **Entrevistador:** E como você vê essa crise especificamente em Portugal?
> **valter hugo mãe:** Vocês não podem imaginar a tristeza profunda em que os portugueses estão vivendo. Vocês sabem que – acontece isso comigo, agora –, quando tenho alguma alegria, eu me calo. Não digo nada em respeito à tristeza profunda em que vivem as outras pessoas. E as coisas estão muito difíceis. Estão difíceis com os meus amigos, estão difíceis com a minha família. O que está acontecendo neste momento é uma crise muito maior do que simplesmente financeira, é uma crise de valores, em que as pessoas estão muito perdidas. E o que acontece é que há cada vez menos generosidade. As pessoas vão ficando insensíveis, porque todo mundo passa dificuldade, então, não há como ficar chorando o vizinho, porque toda a gente está igualmente sufocada.
> **Entrevistador:** O seu abalo com essa situação atual transparece também com a sua literatura, com tudo o que você faz?
> **valter hugo mãe:** Sim.(..) Há sempre alguma coisa que passa. Assim: a minha família foi sempre uma família muito normal, muito convencional. Sempre no limite do trabalho e do mérito do trabalho e sem nenhuma folga, sem nada grátis. Então, qualquer problema que aconteça ao país, acontece imediatamente à minha família. Não tem como eu deixar de ficar afetado. Fico zangado, porque a construção [da união] europeia foi uma promessa completamente diferente.

[3] Não se trata de descuido ortográfico, mas de respeitar uma peculiaridade do autor, ou por assim dizer "uma liberdade poética", ou mesmo uma questão literária. Falo das minúsculas de valter hugo mãe, uma vez que em seu livro a máquina de fazer espanhóis, assim como nos anteriores, não utiliza letras maiúsculas - há apenas um capítulo, que leva o nome do próprio livro, *a máquina de fazer espanhóis*, que contém letras maiúsculas. Logo, também não utilizarei maiúsculas ao citar seu nome, suas obras e seus personagens, como uma forma de manter a dita "simplicidade" que o autor busca em sua escrita.

[4] O livro é publicado em 2010 em Portugal e o personagem principal narra a história a partir do ano de 2001. É o último livro de uma quadrilogia em que o autor trata da problemática do envelhecimento. Nessa quadrilogia, portanto, aborda quatro momentos do ciclo da vida: a infância (*o nosso reino*; 2004), a juventude (*o remorso de baltazar serapião*; 2006), a maturidade (*o apocalipse dos trabalhadores; 2008)* e a velhice (*a máquina de fazer espanhóis; 2010).*

Dessa forma, a presença de eventos atuais em seus livros tem sempre papel significativo. No caso da "máquina", ele está pensando a crise contemporânea à luz do regime ditatorial, analisando sua influência durante o período que vigorou, e a que Portugal coeva ainda sofre. Portanto, como homem simples, de família comum, escreve sobre outros homens comuns, que mesmo esquecidos, apagados, seja pela sua posição social, ou pela fase da vida que se encontram ainda sim refletem e discordam: "e ele abanava a cabeça negativamente e respondia, não seja tolo, senhor silva, não seja tolo, que eles aqui ficam todos a espera que não pensemos, mas se deixarmos de pensar estamos enterrados" (MÃE, 2011, p.55).

2. UM AUTOR, SEUS PERSONAGENS E O TEMPO:

Valter Hugo Mãe nasceu em Angola, em 1971, no final do regime salazarista. Sem dúvidas, muitas fendas daquele momento histórico o influenciaram conforme iria atingindo a vida adulta. No entanto, as memórias que traz em seus livros, não são apenas suas, mas também de terceiros, que vivenciaram o regime. Mais que isso, o autor escreve apenas no século XXI, décadas após a Revolução dos Cravos.

Logo, o romance é um recorte de inúmeras conversas, leituras, vivencias, pesquisas de hugo mãe; por exemplo, o livro em si que já é uma homenagem ao seu pai, falecido há quatorze anos vitima de um cancro. Sendo essa uma das referencias que usa em vários trechos, afinal um de seus personagens também sofre os aborrecimentos da vida através de um cancro, considerando esse ser o futuro motivo da sua morte: "sabe, um cancro, já ouviu falar. começa numa ponta do corpo e vai até a ponta da alma, não tem medida e até o que está a nossa volta nos dói" (MÃE, 2011, p. 221).

Os idosos do lar feliz idade são também personagens criados a partir da convivência do autor em uma instituição em Vila do Conde, o lar da Ordem de São Francisco que fica, como no livro, ao lado de um cemitério. Outro exemplo é henrique de badajoz, um espanhol português, que hugo mãe realmente conheceu na Espanha; sua participação é quase terciária, mas que é um dos elementos que traz sentido ao título do livro e parece estar conectado a uma das principais motivações da história: compreender sobre a aspiração dos portugueses pela Espanha, como se lá tudo fosse sempre mais colorido, mais completo. A aproximação histórica e geográfica alargou essa aspiração de

"ser espanhol" e conforme hugo mãe é um paradoxo que define os portugueses, que ainda não conseguiram superar.

Com as discussões atuais, em função da crise em que a Europa e principalmente Portugal, ingressaram no século XXI, e as vozes divergentes que discutem os caminhos para solucionar situações relacionadas à pobreza e outros tantos problemas estruturais do país; como as tensões governamentais, movida pela insatisfação e o anseio por outros caminhos, inclusive daquele que falam na instauração de um sistema não-democrático – ressaltando que Salazar foi eleito em um concurso da RTP como o português mais popular de sempre e como já citado, muitos portugueses pensam na ditadura como um momento de avanço econômico – hugo mãe dá vida aos tantos personagens que habitam a casa de idosos. Exemplo disso é o silva da europa, um saudosista, que vive a discutir as proporções das desventuras do regime, defendendo as muitas competências do mesmo: antonio silva sempre discorda dos argumentos do silva da europa e o sr. pereira sempre tenta apaziguar.

Analisando esses debates do Portugal atual a luz do salazarismo, fica evidente o quanto o tempo em si, e seu sentido mudaram, desde as novas tecnologias até maneiras de sentir e refletir. Trata-se de uma urgência por ter mais símbolos que possam explicar experiências do passado e do presente e da construção de identidades perdidas, com o auxilio de imagens descritas por meio de memórias. O presente acelerado, característico do século XXI, carece de narrações de versões e leituras do passado: "O novo milênio começa nesta contradição entre um tempo acelerado, que impede o transcorrer do presente, e uma memória que procura tornar sólido esse presente fulminante que desaparece devorando-se a si próprio. (SARLO, 2005, p. 96)".

Mas a memória de um velho, nesse tempo acelerado pode ser confusa e fragmentada, os instantes se misturam e as ideias se perdem. O corpo e o tempo estão ligados, quanto mais o corpo padece mais facilmente o tempo se esvai (SARLO, 2005). E é com essa memória às vezes confusa, às vezes beirando a imprecisão, às vezes relutante, às vezes ressentida, que hugo mãe traça sua narrativa, cheia de representações; recuperando formas de ver, sentir e pensar e as ressignificando.

3. MEMÓRIAS QUE SE TRANSPÕE:

A aproximação entre história e literatura, abre algo como um novo horizonte conceitual, em função da recuperação das formas de ver, sentir e significar o real de instantes passados. Sendo isso o que chamamos de imaginário: um sistema de valores, ideias, impressões, que inspiram ações; dando legitimidade às atitudes e definindo espaços, sejam eles concretos, ou até mesmo abstratos. Dessa forma, o imaginário é capaz de assegurar tanto o mundo conceitual, como racional, apreendendo ainda as mais diversas emoções e sensibilidades (PESAVENTO, 2006, p.02).

Por conseguinte a analise de uma obra ficcional feita por um historiador possivelmente exploraria as contribuições desta obra para a leitura e compreensão do imaginário da sociedade analisada, seja ela contemporânea ao autor, ou fruto de memórias de um período, como no caso analisado, o salazarismo. Perguntas como essa passam a ser pertinentes: o que a obra transmite de seu tempo? E como transmite ou ainda com quais intenções com que transmite? Pesavento explica que: "A literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário" (PESAVENTO, 2003 p. 82).

A obra analisada está conectada não apenas com o seu tempo, mas com outras camadas temporais e de memória, a partir do enredo que apresenta um relato relacionando literatura e história. Ao rememorar a ditadura salazarista, o protagonista, antonio jorge silva revisita inúmeras ocasiões individuais e coletivas das histórias de Portugal, através das suas próprias reminiscências e dos colegas idosos. De maneira mais especifica, discorrendo sobre o protagonista, ele chega ao lar feliz idade após a morte de sua esposa, laura, que é recebida com muita dor, negação e raiva. Após viver 54 anos ao lado de sua esposa, a vida do sr. silva acaba por se tornar um amontoado de dias, dos quais tenta sobreviver: "eis a missão certa, a propaganda que não podíamos dispensar, sobreviver, segurarmo-nos, e aos nossos, e abrir caminho até morte dentro. essa que era essência possível da felicidade, aguentar enquanto desse" (MÃE, 2011, p.118).

Partindo da raiva que sente pelo falecimento de sua esposa, somado ao abandono de seus filhos - sendo este um homem que sempre viveu pela família e para a família -

acaba por ressentir[5] muitas das suas ações. Afinal a maioria das atitudes que teve durante o regime foi em função da segurança dos seus filhos; palavras que deixou de expressar e posturas que escondeu, para que sua família não fosse violentada.

> e era assim a nossa vida, sem beliscar os tubarões que nos podiam ferrar. eu, apaixonado, enternecia-me e deixava-me ficar porque também lhe reconhecia prudência, uma sabedoria que vinha da família, em colocar a família no centro das coisas. eu deixava que a sociedade fosse apodrecendo sob aquele tecido de famílias de bem, um mar imenso de famílias de aparência, todas numa lavagem cerebral social (...) (MÃE, 2011, p.133).

Hannah Arendt vai utilizar o termo "banalidade do mal" em seu livro Eichmann em Jerusalém. Explica que a monstruosidade não está na pessoa, mas no sistema. Há sistemas que banalizam o mal. O perigo e o mal maior não estão na existência de mentes doentias, mas na violência sistemática que é exercida por pessoas banais. Hannah Arendt desenvolve essa teoria a partir do julgamento de Adolf Eichmann, acusado de inúmeros crimes contra os judeus. Eichmann era um cumpridor de seus deveres; não desrespeitava as normas vigentes e cumpria com eficiência o seu dever: encaminhar de maneira eficiente milhares de judeus para a morte. A normalidade de Eichmann chocou Arendt e colocou-a a procura de outros padrões explicativos para o mal (ARENDT, 1999).

O mal se torna banal porque aqueles que o causam são superficiais e suas vítimas são consideradas supérfluas. "Quanto mais superficial alguém for, mais provável será que ele ceda ao mal". Eichmann tinha responsabilidades como burocrata, mas também tinha a possibilidade de escolha, e escolheu seguir as ordens à risca (ARENDT, 1999). Sobre o salazarismo e nosso protagonista, entendo que ao fechar os olhos, ao aceitar, ao silenciar, mesmo que zelando por sua família, teve sua parcela de responsabilidades para que o regime perdurasse. Diferentemente de outros cidadãos que expressaram suas animosidades, o sr. silva manteve-se escondido, esperando pelo fim do regime, sem tomar qualquer atitude. Ele podia não ser cúmplice dos delitos cometidos, mas uma parcela de culpa detinha; sabia disso, e por isso também ressentia.

É dessa forma que o protagonista empreende seus passos na velhice, nos últimos momentos de sua vida, fazendo uma autocrítica através de *flash-backs* que o levam aos

[5] "[Ressentimento é] uma atitude mental duradoura, causada pela repressão sistemática de certas emoções e afetos que são componentes normais da natureza humana. A repressão dessas emoções leva a uma tendência constante de se permitir atribuir valores incorretos e juízos de valor correspondentes. (SCHELER, 1998, p.29 apud KONSTAN, 2004, p.62)".

anos 20, anos 50, 60, 70 e o trazem de volta ao presente. Beirando sempre a visão de inutilidade e pessimismo que ronda a chamada terceira idade, dando voz também aos outros membros do asilo, cada um com seus demônios e medos, sendo eles encarnados na figura de Salazar ou mesmo da carta de um ente querido, que vive a esperar, mas que provavelmente nunca chegará. O velho faz do passado uma substancia muito mais importante do que o jovem, que coleciona afazeres e mantém a cabeça repleta de intenções, sonhos, aspirações, ou seja, intenta muito mais o futuro. Ao contrário do velho, que já na terceira idade, vai deixando os sonhos do futuro para lembrar dos sonhos que já concluiu, se ocupando conscientemente do passado (BOSI, 1994). De tal modo antonio jorge silva se ocupa do passado, faz dele substancia do resto de vida que ainda tem.

Desde as experiências totalitárias e autoritárias do meio do século XX em diante, o tema da memória vem se revelando cada vez mais necessário. Muitas memórias, em função do medo, da vergonha, sofrimento, ressentimento, causados por governos repressores e violentos, acabaram sendo suprimidas; o esquecimento acaba por ser um escudo (POLLAK, 1989, p.02). Mas com o distanciamento cada vez maior desse período, os testemunhos dos sobreviventes, como no caso da Shoah, e de tantos outros que foram violentados fisicamente ou psicologicamente, surgem com mais facilidade, compartilhando com aqueles que não presenciaram tais situações dolorosas, um pouco da sua visão e conhecimento. Por outro lado a prática do esquecimento pode originar-se do próprio governo, que a partir de suas políticas e propagandas incita a população a fechar a porta do passado, aquela que faz penetrar em um quarto repleto de mágoas (SELIGMANN-SILVA, 2003). Andreas Huyssen (2000), explica como os governos pós-ditaduras se esforçam na promoção de políticas do esquecimento. Algo como uma espécie de resistência a esse tipo de política desenvolve-se, por parte das sociedades civis, com uma cultura da memória que intenta a preservação do passado, mesmo um passado aborrecido. É indiscutível o papel da literatura nesse projeto de resistência.

Logo, fica aparente que as memórias não seguem a lógica de um tempo linear ou cronológico: o surgimento de novas ocorrências no panorama pode levar a uma resignificação do passado, cobrando uma atenção pública, que do contrário não seria esperada. As conjunturas históricas atreladas às memórias, então, podem passar por ocasiões de maior visibilidade, assim como por um aparente esquecimento e silêncio, segundo uma dinâmica dispersa.

Essa ideia da não-linearidade da memória, tratada por Paul Ricouer, pode ser muito bem ajustada as proposições desse artigo, no que diz respeito ao livro *a máquina de fazer espanhóis*, de valter hugo mãe. Um dos capítulos do livro inclusive traz o titulo "o tempo não é linear", assim como a memória, temas imprescindíveis na narrativa. E o protagonista tem consciência da não-linearidade de seus pensamentos, sabe que determinadas lembranças, nunca antes manifestadas, surgiam em função do momento vivido e das escolhas mais recentes:

> vamos ficando acostumados a estar por ali pelo cemitério naquele sossego característico em que deixam aquelas coisas. e começamos a prestar atenção aos sinais. começamos por ler as placas, ver as fotografias, reconhecer quem já está para ali debilitado. relembramos pessoas e relembramos em como foi o final, tão fácil vivermos esquecidos delas e como se torna tão cruel que assim seja. vemos os seus retratos, recordamos a simpatia dos momentos em que coincidimos, e depois medimos a distancia a que estamos desses momentos, dos sentimentos e, sobretudo, da memória. e percebemos que não nos recordaríamos daquela pessoa não fora o caso de a reconhecermos naquela definição horizontal, já sem poder escapar. (MÃE, 2011, p.102).

Como disse Jacy Alves Seixas (2003), as "formas de lembrar e esquecer tocam-se e inserem-se uma na outra", ao mesmo tempo que temos um sr. silva rápido com suas observações e opiniões sobre o vivido, temos também um senhor confuso que acabou de perder sua mulher, companheira de 50 anos, e por isso sente saudades, sente dor, sente raiva. Da mesma maneira que se lembra de algo acontecido há 50 anos, lembra também de um momento há cinco dias, embaralhando suas articulações, entre as temporadas com sua amada e sua morte. Lembra-se do repudio ao salazarismo e os inúmeros episódios envolvendo-o, das situações cotidianas incluindo seus clientes na barbearia, assim como seus filhos e suas vivencias num passado mais próximo, sobre sua estadia no lar feliz idade.

Como trata-se de um fluxo de consciência, as histórias confundem-se uma a outra, as lembranças podem ser curtas, ou durar um capitulo inteiro. A memória do sr. silva não tem regras[6], apenas uma vontade enorme de desabafar e criticar tudo que fez ou deixou de fazer como português, que era.

> O caráter seletivo da memória, auxiliado nesse aspeto pelas narrativas, implica que os mesmos acontecimentos não sejam memorizados da

[6] Assim como a escrita de Valter Hugo mãe, que foge do padrão. Escapa às maiúsculas para remeter a nossa maneira de lembrar, de pensar, de refletir: sem exigências formais.

> mesma forma em períodos diferentes. Por exemplo, em França, depois de 1945, o discurso público concentrou-se primeiramente sobre o que se apresentava como fatos de colaboração e de resistência. Só mais tarde, com o processo Barbie, é que a especificidade da atroz experiência dos judeus, com as narrativas da deportação e exterminação de milhões de judeus, foi reconhecido como um crime distinto de todos os outros. (RICOUER, 2003, p.04).

Segundo Pollak (1992), a memória é um fenômeno construído, é seletiva e um elemento constituinte do sentimento de identidade; a memória, assim como a identidade, é fruto de disputas. Os elementos fundamentais para a composição da memória se constituem a partir dos: acontecimentos vividos, das pessoas/personagens e dos lugares. Também são constituintes da memória os acontecimentos vividos individualmente e aqueles vividos por terceiros, ou seja, que foram vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa sente pertencer. É possível falar também de um fenômeno de assimilação com o passado, por meio da socialização política ou histórica, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. Alguns fatos, como os presenciados durante e após a Segunda Guerra Mundial, em países autoritários e totalitários, foram tão traumatizantes e marcaram tanto determinadas regiões que sua memória ao longo dos séculos acaba sendo transmitida com um alto grau de identificação (POLLAK, 1992, p.02).

Deve-se à memória posto essencial na reconstrução das experiências que estabelecem os dados particulares a cada indivíduo. Cada história de vida atua diretamente na construção da memória coletiva de nossa sociedade. Trata-se de uma tênue linha que está a se dividir entre a esfera do público e do privado. A partir dessa linha podemos ponderar sobre os idosos do lar feliz idade, que compartilhavam uma experiência da esfera pública, como cidadãos portugueses, mas também traziam consigo suas experiências individuais, cotidianas. O processo de construção da memória em sua dimensão pessoal surge como garantia de nossa identidade e, por consequência, da identidade de nosso povo.

Podemos falar também dos espaços que afetam a memória, remetendo a uma lembrança particular, como, uma viagem na juventude, que permaneceu forte na memória, marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu (POLLAK, 1992, p.03). No caso do protagonista, antonio silva, são muitas as lembranças que tem de sua família, principalmente de sua mulher, relacionadas às agruras do regime salazarista. Como a miséria em que partilharam por longos períodos, contudo sempre obedientes a

Deus e Salazar. Quanto mais próximo às figuras ressentidas -Salazar e o salazarismo - mais vívidas se mostravam suas memórias:

> aprendi, no dia em que perdemos nosso filho, que estávamos sozinhos no mundo. atirados para o fundo de um quarto sem qualquer ajuda. e eu ainda fui pedir ao padre que nos fizesse chegar a um hospital, que fosse rápido, porque as águas tinham rompido e a laura não se mexia. não temos carro nesse bairro pobre, ninguém tem dessas maquinas. mas, como está, não há parteira que lhe pegue (...) não foi culpa do padre, nem da igreja e nem de deus. foi o triste acaso de sermos miseráveis num país de miséria (...) o regime se nos metia pela pele adentro como um vírus. (MÃE, 2011, p. 83-86).

A memória também sofre alterações conforme o momento em que ela é articulada, em que está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória (POLLAK, 1992, p.04). No caso dos idosos o fato de terem sido, na maioria das vezes, abandonados por seus parentes no asilo, sem visitas, nem ao menos cartas, diz muito do tipo de memória que passariam a ter, misturada com um sentimento de melancolia pela solidão; ou de rancor, de ressentimento por terem sido esquecidos tão rapidamente à medida que perdiam as graças da juventude e adentravam numa etapa da vida muito mais próxima da morte.

Lembrar é um elemento fundamental na adequação da identidade, individual ou coletiva. Sem memória não existiriam referências ou experiências. A memória individual que interage com a de outros sujeitos, vincula-se à memória do grupo, formando parte dessa memória coletiva. Assim, o diagnóstico, nesta retomada sobre a velhice, por meio da memória, da experiência do sujeito marginalizado, dá a sociedade um instrumento para reescrever o passado, dar um novo significado ao presente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro da narrativa do autor cabe o fado, futebol, Camões, Amália Rodrigues, Salazar, Nossa Senhora de Fátima, Fernando Pessoa, mas não só. Através do definhamento de antonio jorge da silva, desvendam-se temas fundamentais: a velhice, a morte, o amor, as doenças físicas e psicológicas, o salazarismo visto do presente, o ódio, a solidão. Desde temas identitários do “ser português” até temas naturais ao homem, como nossas emoções.

Desse emaranhado de possibilidades, hugo mãe nos traz diferentes camadas de sentido que se acumularam através das suas vivências e das vivências de terceiros. Ressignificadas em seus personagens, elas exploram diferentes níveis de memória, sejam reais ou ficcionais, privilegiando um período de ditadura, que ainda hoje é entendido em Portugal como uma ferida aberta, gerando polêmicas, engendrando nos cidadãos tipos distintos de sensibilidades, assim como acontece com os personagens de valter hugo mãe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte

MÃE, Valter Hugo. A máquina de fazer espanhóis. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Bibliografia

ALMEIDA, Alberto de Jesus. A Escola Primária ao Serviço do Estado Novo em Portugal. Cadernos de História da Educação, vol. 10, n. 1 – jan./jun., p.13-31, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/ index.php/che/article/view/13143/7503 >. Acesso em: 03 maio 2014.

ARENDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1999

ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BERNARDO, João. Labirintos do Fascismo. 1998. 443f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, São Paulo, 1998.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHARTIER, Roger. A História Cultural. RJ: Bertrand, 1990.

HUYSSEN, Andréas. Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KONSTAN, David. Ressentimento – história de uma emoção. In: BRESCIANI, Maria Stella; Naxara, Márcia (orgs.). Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2004.

MANN, Michael. Fascistas. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates, 2006. Disponível em: < http://nuevomundo.revues.org /document1560.html >. Acesso em: 10 de maio 2014.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. Disponível em: < http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/ Memoria_esquecimento_silencio.pdf >. Acesso em: abr. 2014.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992. Disponível em: < http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf >. Acesso em: jun. 2014.

RICOEUR, Paul. Memory, history, oblivion. In: Haunted memories? History in europe after authoritarianism, Budapest, 2003. Disponível em: < http://www.fondsricoeur.fr >. Acesso em: 01 abr. 2014.

SARLO, Beatriz. Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SEIXAS, Jacy Alves. Formas identitárias e estereótipo: o brasileiro jecamacunaímico e a gestão do esquecimento. In: NAXARA, Márcia; CAMILOTTI, Virginia. (orgs.) Conceitos e Linguagens: construções identitárias. São Paulo: Intermeios, 2013.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). In: apresentação da questão: a literatura do trauma. História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes, Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.